

# SÃO JOÃO DO PORTO:

## Contexto histórico e turismo

Susana Gastal<sup>1</sup>

**Resumo:** A festa estaria presente em todas as culturas, e reportaria a tempos muito antigos. Na atualidade, as festas marcam datas religiosas, cívicas e sociais, entre outras, mas, mesmo frente a sua importância e pertinência, nem sempre as suas histórias (ou, mais singelamente, seu percurso no tempo) recebem registros sistemáticos ou estudos acadêmicos mais aprofundados. O presente artigo tem por objetivo descrever a importância da Festa de São João, como comemorada na cidade do Porto, Portugal, mostrando seu acúmulo histórico ao longo de vários séculos, em consonância com o próprio desenvolvimento da cidade. A metodologia para coleta dos dados apresentados neste artigo envolveu observação, entrevista e pesquisa documental realizados no local, entre 2012-2013. Mais especificamente, os dados históricos a seguir apresentados tiveram por foco o livro de Pacheco (2004), mas também outros documentos do acervo da Casa do Infante, arquivo público oficial da cidade do Porto. Os resultados indicam que a o evento festivo acompanhou a expansão urbana, na sua distribuição geográfica e modos de expressão.

**Palavras- Chave:** Turismo. História do Turismo. Festa. São João do Porto. Porto, Portugal.

### 1 Introdução

A festa estaria presente em todas as culturas e se reportaria a tempos muito antigos. Talvez porque festejar seja próprio ao ser humano, dispensaria, conforme Bakhtin (2002), possíveis explicações a apresentá-la como produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo ou de uma necessidade biológica, pois elas exprimiriam, antes de tudo, uma visão de mundo. Segundo o mesmo teórico, seria “a Festa que, libertando de todo utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente no universo utópico” (p.241).

A festa percorreu diferentes tempos, migrou da área rural para o espaço urbano, deixou de priorizar apenas a saudação às divindades, e tornou-se profana. Mais do que isso, com a Modernidade, a festa também vê associada a si funções

---

<sup>1</sup> Doutor. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul.

comerciais, como as feiras, ou o compromisso de, associada ao turismo, “segurar os visitantes o maior tempo possível nas festas com leilões, danças, comidas, barraquinhas e folguedos como malhação de Judas” (Ribeiro, 1998, p.50), mobilizando as economias locais. Ou seja, na contramão do que preconizava Bakhtin. Mais recentemente, as festas não fugiram a espetacularização do mundo contemporâneo e, a exemplo do desfile de Carnaval das escolas de samba do Rio Janeiro, ganharam feição midiática independente de suas origens na cultura popular, como o Círio de Nazaré ou na religiosidade, mais propriamente, como a Paixão de Cristo, celebrada em muitos pontos de Brasil. Isso leva a que alguns teóricos alertem que “as manifestações culturais correm o risco de sofrer mudanças quando tratadas de forma massiva, repetitivas e acatando o gosto do visitante, neste caso operadores turísticos e turistas” (Ribeiro, 1998, p. 48).

Importante destacar que, apesar desta presença consagrada na sociedade, as festas têm sido pouco estudadas no viés da sua historicidade. Talvez por não produzirem registros escritos, mesma quando se trata de uma intervenção organizada pela autoridade pública ou por entes da sociedade civil, são raros os casos em que há acervamento de documentos (atas, projetos, fotografias, relatórios), levando a que os pesquisadores precisem buscar metodologias como a da História Oral, para resgatar e registrar o percurso dos eventos festivos. A Festa de João do Porto, Portugal, talvez seja uma exceção neste cenário, pois sua presença na cidade é mencionada na literatura a partir de 1384 e hoje conta com uma alentada pesquisa do historiador Helder Pacheco (2004), registrada em três volumes fartamente ilustrados.

Em que pese carregar o nome do Santo católico, no São João do Porto o lado pagão das comemorações tem sido mais expressivo do que o religioso, levando a um envolvimento total dos cidadãos, nos festejos (Gastal, 2014). Os festejos marcam a noite de 23 para 24 de junho, mas hoje não se restringem a ela, pois ações da municipalidade, em especial do PortoLazer e do Departamento de Turismo locais promovem o calendário de eventos ‘São João do Porto’ entre a última semana de junho e o primeiro final de semana de julho.

A longevidade da festa e sua forte presença na sociedade local levaram ao interesse do pesquisador em tê-la como objeto de investigação. A metodologia para coleta dos dados apresentados neste artigo envolveu observação, entrevista e pesquisa documental realizados no local, entre 2012-2013. Mais especificamente, os dados históricos a seguir apresentados tiveram por foco o livro de Pacheco (2004), mas também em outros documentos pesquisados no acervo da Casa do Infante, arquivo público oficial da cidade do Porto.

## 2 O São João do Porto

Os festejos do São João, presentes em vários pontos de Portugal, assim como do Brasil, reportariam aos rituais do Solstício de Verão, daí a sua presença mesmo na contemporaneidade, demarcada pelo fogo na forma de fogos de artifício e balões incandescentes, e pela água, através dos banhos de mar na madrugada ou, como dizem os portuenses, do ‘pegar as orvalhadas’ ao longo da noite, isto é, expor-se ao sereno. Há ainda a onipresença das ervas - quer na forma dos manjericos plantados em pequenos vasos, para presentear amigos, quer dos alhos-porros, com os quais as pessoas batiam umas nas outras, para desejar sorte<sup>2</sup> -, “as festas juninas eram festas profanas, rituais pagãos que celebravam a abundância e a fertilidade” (Lucena Filho 2012, p. 38). Depois, nos locais em que foram cristianizadas, constituíam-se em “uma antecipação do anúncio do Advento, considerando o papel de João Batista, como precursor de Cristo” (Ibidem).

Em Portugal, a cidade do Porto destaca-se nacionalmente por estes festejos. Nela, a primeira menção à festa data de 1384, na *Crónica de D. João I*, de autoria de Fernão Lopes, que relata a entrada do rei na cidade, justo no dia dos festejos<sup>3</sup>, dizendo que “moradores daquela cidade costumam fazer grande festa” a véspera do dia do Santo (apud Pacheco, 2004, p. 46). Na Idade Média, a data parece marcar “o que hoje designamos como início do ano econômico da cidade” (Idem, p.31). Nesse sentido, desde 1390 documentos registram que “outras instituições do Burgo usavam o dia de S. João como bitola temporal para actos importantes (como as tomas de posse do Provedor)” (Idem, p.34). Nos séculos seguintes, a data continuará associada a atos civis locais.

Para Pacheco (2004), o São João é a celebração “dos portuenses feitos cidades – e que fazem a cidade [...]” (p.10). Este historiador, especialmente, em diferentes momentos realiza paralelos entre a cidade, suas alterações urbanas e aquelas, consequentes ou não destas, associadas à festa magna que revelariam não mudanças na tradição, mas “a face de uma longa e continuada agressão urbana no seu espírito – isto é, ao conteúdo intrínseco dos modos de viver e aos agires das suas gentes” (Idem, p.8). As mudanças a impactar a festa, ainda segundo o historiador, além das intervenções urbanas, teriam estado associadas, também, a alterações sociais, mediáticas e tecnológicas que para além das mudanças normais nos modos de entender a cidade, “ocorreram por alterações perversas e quase inexplicáveis” (Ibidem), que subvertem a vida comunitária por “ofensivas da tessitura cívica e moral da urbe e dos portuenses” (Ibidem). O que era uma festa nas ‘ilhas’ e para os seus

---

<sup>2</sup> Os alho-porro atualmente são substituídos por pequenos martelos de plásticos, no ritual renovado.

<sup>3</sup> Conforme entrevista de Júlio Couto à pesquisadora, em 30.01.13

moradores, passaria a ser uma festa no âmbito da indústria do lazer, processo no qual o próprio urbano sairia fragilizado, pois “lugares sem vizinhos e moradores são abstrações, mesmo que cheios de monumentos e revitalizados e [com] fotos em prospectos turísticos” (Idem, p. 10).

Percorrendo o contexto da relação da festa com o urbano ao longo do tempo, documento de 1485 relata custos da municipalidade com “despesas alimentares, mais as dos besteiros e trombeteiros, o rol indica pagamento da limpeza da praça [...] a um homem e a dois negros que acarretaram a madeira para o palanque da Rua Nova e ainda as despesas com pregos para outro palanque [...]” (Pacheco, 2004, p.47). Outro documento, esse uma Acta de Vereança Municipal, de 1551, registra o não cumprimento da realização de ‘mourisca’, que seriam danças de mouros ou de pessoas trajadas como mouros, durante os festejos de São João. Já em 1567 e 1597 repetem-se as despesas com as tais mouriscas, a última reunindo 40 homens (Idem).

Ao longo do século XVII há registros da Festa em bairros mais afastados, ou seja, a cidade crescera e o São João acompanha a sua expansão. No século XVIII, entre 1730 e 1780, freiras do Convento de Santa Clara dedicavam “particular atenção ao dia de S. João” (Pacheco, 2004, p.48) e, em 1785, “correram-se touros no curro levantado no Torrinha...” (idem), e a festa teria começado a ganhar carácter bairrista, com viés político. Basto (1939) cita Garret<sup>4</sup> para dizer que haveria o “S. João o velho republicano, de Cedofeitas; S. João o malhado, da Lapa; S. João o realista, do Bonfim” (p.44), todos rivais entre si.

Os balões incandescentes apareceriam no século XIX, assim como a decoração das ruas com arcos de murta, ramos de carvalho e bandeirolas. Os divertimentos populares “resumiam-se a ‘comes e bebes’, a música, descantes e danças, a fogueira nos quintais e nas ruas, e o fogo preso e do ar” (Basto, 1939, p.45). Outra tradição da Festa, presente desde essa época, são as comissões de moradores que organizavam a festa na sua rua ou na sua ‘ilha’.

As ‘ilhas’ são um fenómeno que demarca o urbanismo na cidade do Porto, e para compreendê-lo é necessário voltar um pouco no tempo, mais especificamente à administração do Marques de Pombal, que incentivou a criação da Companhia de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, fundada em 1757, o que levou a consolidação dos vinhos da região, inclusive como produto de exportação, e à expansão da cidade extramuros do antigo núcleo medieval:

---

<sup>4</sup> João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto em 1799 e morreu em Lisboa em 1854.

A renovação urbana foi coordenada por João de Almada e envolveu [...] ruas largas e longas, que chegavam a ter até mil metros. O loteamento proposto para essas novas áreas, envolvia terrenos estreitos e compridos – 5,5m de testada e 100m de profundidade –, o que marcaria não só a arquitetura, mas também as identidades locais. Em termos arquitetônicos, gerou edifícios altos e estreitos, com fachadas cobertas de azulejos. No século seguinte, com aumento da população atraída pelo processo de industrialização, atrás destas casas originais instalaram-se fileiras de pequenos cômodos, aos quais se tinha acesso por um corredor estreito, passando por baixo da residência fronteira. Esses núcleos ficariam conhecidos como ‘ilhas’ e ali se desenvolveriam sistemas de laços comunitários estreitos, e expressões culturais próprias, entre elas as festas de São João. Conforme o historiador Julio Couto<sup>5</sup>, o “Porto era um enxame de ‘ilhas’. Eram pessoas que vinham de longe: Trás-os-Montes, Beira... Cada um trazia sua maneira de ser: instrumentos, modos de cantar. Reuniam-se aos domingos, em frente das casas. Podiam extravasar de fato no São João, no único dia que era feriado” (Gastal, 2013, pp.184-185).

Essas pessoas que vinham de longe, da área rural, procuravam a cidade atraídos pelo processo de industrialização do Porto. A migração reforça a Festa, principalmente porque na data, as famílias vinham da área rural para visitar os parentes operários, trazendo os alimentos lá produzidos, entre eles o cabrito, que irão se associar aos festejos, como sua gastronomia tradicional. Quanto à animação, dançava-se “um *cancam* [sic] irregular por entre bichas, busca-pés e bombos; ouviam-se gaitas de fole, os tambores, as violas, os zabimbas, as pípias, os assobios, o guinchar do clarinete e o chocoalhar dos pianos” (Leça [1952] *apud* Pacheco, 2004, pp.53-54).

Tradição secular que se mantém até hoje são os *bailaricos*, que iniciavam a tarde e se estendiam pela noite do dia 23 de junho. Essa atividade atraía, e atrai, a população às ruas, sendo um sucesso em todos os lugares em que acontece.

Na década de 1880, segundo Pacheco, os condimentos da festa estariam estabelecidos. “Os arraiais dos bairros, a animação tanto pelas comunidades antigas como pelas mais modernas que a implantação fabril ia promovendo através da cidade” (Duarte [1990] *apud* Pacheco, 2004:59), as denominadas ‘ilhas’. Outra atração eram as “ranchadas de rapazes e de raparigas, grandes chapéus de palha e flores na cabeça, as violas à frente, percorreram as ruas da cidade em danças e descantes”, segundo o jornal *O Janeiro*, citado por Pacheco (2004:60). Em 1891 acontece, pela primeira vez associada ao São João, a regata no Douro. A partir de meados do século XX, ela passa ser usual na programação junina na cidade (Gastal, 2014, p.318)

---

<sup>5</sup> Júlio Couto, conforme anotações da autora, em entrevista a ela concedida em 30.01.2013, na cidade do Porto.

Se a festa mantém íntima relação com os processos urbanos, o mesmo se dá em relação aos processos políticos. A vitória liberal, em 1834, é assinalada na Lapa, “particularmente afeiçoada ao lado constitucional, se festejou o S. João no Campo de S. Ovídio e na Rua nova do Almada, com ‘fritadeiras e taberneiros’, além de arcos e janelas ornamentados com ‘com versos e legendas alusivas’ aquele acontecimento” (Pacheco, 2004, p.49).

Cruz (1971) reporta aos meados do século XIX, embora escreva a partir de 1946, para reforçar o comprometimento político do São João, dizendo que em 1850 o “bairro fabril e operário do Bonfim [...] salientou-se pela animação e alegria; porém a Lapa, rua da Almada, Praça Nova, Bonjardim, Clérigos e Santo Antonio ganharam-lhe a palma pela riqueza de ornamentação – nas escadas da igreja de Santo Ildefonso armara-se uma cascata monstro! – e pela qualidade do fogo que nessas ruas se queimou. Não admira; nelas havia o que no Bonfim faltava: o dinheiro” (p.61). Onde houvesse dinheiro, se poderia, inclusive, contar com o ‘fogo preso’ de um “monsieur [...], químico em Paris formado” (p.62). Os diferenciais de classe, nas formas de festejar, acentuam-se. Em 1870, além das festas nos bairros e nas ilhas, registram-se “referências ao S. João selecto e burguês do Palácio de Cristal” (Pacheco, 2004, p.56), mesmo que se trate, neste caso, de um parque público. Nesse mesmo ano, o catálogo de Mestre Deveza oferecia 161 variedades de fogos, com opções de preços para as diferentes formas de poder aquisitivo.

Se a cidade e a festa se expandem, citação ainda de 1870 já reforça que a “tendência para a deslocação até as Fontainhas prossegue” (Ibidem). Trata-se de uma praça, próxima a margem do Douro, mas em ponto mais elevado a partir da margem do rio, que historicamente se constituiu em coração do São João, por ponto obrigatório de passagem, mesmo que os festejos acontecessem no bairro. Em 1888, além da festa popular, há o arraial burguês, fechado, conservador, “menos eufórico mas mais requintado e, sobretudo, visto como uma recepção, *garden party* ou acontecimento social pelos seus frequentadores da alta sociedade portuense” (Idem, p. 59).

Com a instauração da República virá o reconhecimento da data como feriado municipal, depois de referendo coordenado pelo *Jornal de Notícias*, em 1911<sup>6</sup>. O pesquisador Júlio Couto relata que a pesquisa teria sido encabeçada pela Câmara do Porto, para decidir qual data seria consagrada como feriado municipal. Sugeriram-se datas históricas, datas cívicas e o São João, que ganhou com muita diferença em relação às demais, recebendo 6565 votos contra 3075 dados ao 1º de Maio<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Conforme < <http://magisterio6971.blogs.sapo.pt/2007/07/?page=2>>. Capturado em 30.01.2013.

<sup>7</sup> Idem.

## 2.1 O São João hoje

Hoje, o São João do Porto envolve bailes, lançamento de balões, o consumo de sardinhas assadas e caldo verde, em substituição aos cabritos, que se tornaram muito dispendiosos para consumo maciço. Mantem a tradição da “quadra de sete sílabas, em redondilha maior, paixões e malícias em rima e o povo, de natureza tropeiro, abraçando agora a veia telúrica, rosmaninho, erva-cidreira, cravos, alcachofra. E sempre o fálico alho-porro em riste até chegar a sublimação das orvalhadas” (Mendes, 2005). Lucena Filho (2012) fala ainda em banhos rituais, práticas adivinatórias e propiciatórias, ligadas ao casamento, saúde, felicidade.

Mas, os cronistas da cidade são nostálgicos e veem a festa, se comparada aos anos 1950, em declínio. Um declínio que, para eles, acompanha a deterioração do centro urbano, a sua “desurbanização, desindustrialização, descomercialização. Em suma, o despovoamento do Porto, a carcaça dos edifícios”, decapitando a cidade de sua ‘alma’: “A sistemática destruição do tecido físico e humano ecoando como réquiem à tradição popular. Ora, não havendo festa sem gente, alguns sonhos foram a deitar, enquanto iam entronizando um S. João institucionalizado, cosmetizado. S.João a perder identidade e afectos [...]” (Mendes, 2005, blog). O martelinho plástico, substituindo os alhos-porros, teria sido introduzido em 1965-1966, levando a que considerem que “a festa perdeu em musicalidade, mas ganhou em ruído [...]” (Azevedo, 1968, p.84).

A festa de São João, na atualidade, é um importante produto turístico do Porto. Para 2014, o Departamento de Turismo já lançou um concurso *on line*, que premiará dez pessoas com viagem e estadia na cidade, durante a Festa. “O passatempo é muito simples: juntar dez amigos, tirar uma fotografia original que ilustre o espírito de São João e uma frase pela qual devem ser escolhidos. O grupo vencedor será escolhido por um júri, mas antes disso os participantes serão filtrados através de *likes* no Facebook” (pporto.pt, 2014).

Mas, mantendo os moldes da tradição, o São João marca a grande festa da cidade, na passagem do 23 para o 24 de junho, “enchendo a Noite de quentura humana e de alegria ainda não ultrajada pelo consumo do divertimento programado e da comunicação pré-concebida, é acto persistente de cultura” (Pacheco, 2004, p.8). Trata-se de uma festa pública e coletiva, especial porque “em nenhuma outra como nesta, especialmente no caso citadino, ela atinge nível de totalidade crítica da população [...]” (Lucena Filho, 2012, p. 39).

Helder Pacheco e outros pesquisadores e cronistas da cidade colocam o São João em geral com certa nostalgia, reportando a um outro tempo, o do *éramos jovem*, como o auge e autenticidade da festa, em geral a lembrar um

[...] Porto burguês, e popular, que transformava a festa em repartida emoção, em relação coletiva e assumida, em espontânea participação no projeto comum de manter o território da urbe ‘habitável e poético’, com a morte das comunidades também o S. João entrou – se não em colapso – pelo menos em crise na sua identidade mais profunda e mais sentida (Pacheco, 2004, p.8).

Como já colocado, para o historiador o São João é a celebração “dos portuenses feitos cidades – e que fazem a cidade [...]” (Idem, p.10) e as mudanças associadas à festa magna revelariam não alterações na tradição, mas “a face de uma longa e continuada agressão urbana no seu espírito – isto é, ao conteúdo intrínseco dos modos de viver e aos agires das suas gentes” (Idem, p.8). As mudanças a impactar a festa, para o mesmo historiador, além de intervenções urbanas “por alterações perversas e quase inexplicáveis” (Ibidem), teriam estado associadas, ainda, a alterações sociais e mediáticas que impactariam os modos de entender a cidade e que “subvertem a vida comunitária” (Idem, p. 10).

### **3 Encaminhamentos finais**

O São João, como comemorado na cidade do Porto, Portugal, mostra implicações que superam questões relacionadas à festa como simples confraternização. Consideradas as suas implicações urbanas, durante a pesquisa de campo foi possível observar áreas distintas nas formas de envolvimento da população: há os festejos junto a Ribeira, onde há forte presença de turistas estrangeiros, mas também de locais. Ali, são significativos os investimentos públicos em termos de sonorização e oferta de espetáculos. As freguesias que se localizam junto ao rio, mantem os *bailaricos* e, ali, os festejos parecem marcarem-se pelas cores locais tradicionais, onde os turistas são bem vindos, muito embora a organização não os priorize. Na avenida central, novamente sob organização da autoridade pública, reúnem-se segmentos locais mais populares, e há alguma presença de turistas. Por fim, nas ‘ilhas’ remanescentes, se pode encontrar as marcas comunitárias da organização e participação, inclusive com a presença do cabrito no almoço do dia 24.

Mas, assim como os festejos que levam a “marca” São João do Porto (Ribeiro, 2008) se estendem por todo um mês - da primeira semana de junho até a primeira semana de julho -, com eventos que vão da grande regata à presença de um circuito automobilístico, de apresentações musicais populares e eruditas a disputas esportivas nas comunidades, roteiros culturais, exposições e, em 2013, Oficina de Balões, há um

envolvimento da população que também a transcende. Destaca-se, nesses termos, o desfile das Rusgas e a presença dos manjericos, presentes na decoração de vitrines nas mais diversas apropriações, além de presente obrigatório entre amigos e familiares.

Cidade arrolada pela Unesco como patrimônio da humanidade, a festa não pode deixar de ser citada para considerá-la não só como patrimônio imaterial significativo, mas como a manifestação que dá vida e uma dimensão muito mais significativa, ao patrimônio arquitetônico.

## REFERENCIAS

Azevedo, M. de. (1971). Diário de Lisboa, 1968. In Pombo, P. (seleção). *S. João do Porto – Antologia*. Porto: Câmara Municipal do Porto, p.84.

Bakhtin, M.M. (2002) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec

Basto, A. de M. (1971). Sem título, 1939. In POMBO, Paulo (seleção). *S. João do Porto – Antologia*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1971.

Cruz, A. (1971). 1946. In Pombo, P. (seleção). *S. João do Porto – Antologia*. Porto: Câmara Municipal do Porto, p.59.

Gastal, S. (2014). São João do Porto: imbricações. Patrimônio imaterial, turismo, animação sociocultural e desenvolvimento local. In: Pereira, J.D.L.; Lops, M. de S.; Maltez, M.A.. (Org.). *Animação sociocultural. Turismo, patrimônio, cultura e desenvolvimento local*. Chaves, Portugal: Intervenção, p. 315-324.

Gastal, S. (2013). Festa e identidade: o São João do Porto. *Antares*, vol. 5, nº 9, jan./jun., pp. 178-196.

Lucena Filho, Severino A. (2012). *Festa Junina em Portugal: Marcos culturais no contexto do folkmarketingh*. João Pessoa: UFPB.

Mendes, Alfredo (2005). Diário de Notícias 26-06-2005, s.p. In: <<http://helderpacheco.wordpress.com/>>. Capturadas em 20.01.13

Pacheco, H. (2004). *O livro de São João*. Porto: Afrontamento.

Pombo, Paulo (seleção). *S. João do Porto – Antologia*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1971.

pporto.pt 16/05/14. Disponível em

<[http://www.pportodosmuseus.pt/2014/05/16/camara-do-porto-promove-concurso-para-levar-lisboetas-ao-s-joao/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+pportodosmuseus%2FrxgW+%28pportodosmuseus%29](http://www.pportodosmuseus.pt/2014/05/16/camara-do-porto-promove-concurso-para-levar-lisboetas-ao-s-joao/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+pportodosmuseus%2FrxgW+%28pportodosmuseus%29)> . Acesso em 19 abr 2014.

Ribeiro, Susana Isabel da Silva. (2008). *A Festa de São João no Porto*. Uma Proposta de Desenvolvimento do Evento. Dissertação de Mestrado em Turismo e Desenvolvimento Regional. Universidade Católica Portuguesa.